

EUA têm novo plano para dívida externa

Washington — Cada vez mais preocupado com a deterioração da situação econômica e política na América Latina, o governo norte-americano trabalha em um novo plano para responder ao problema da dívida externa dos países em vias de desenvolvimento, revelou ontem um porta-voz do Departamento do Tesouro.

Ainda que o novo plano retome elementos do lançado por Baker em Seul há três anos e meio, o Departamento do Tesouro adotou desta vez uma maneira relativamente diferente de encarar o problema. O novo plano insiste sobretudo nos meios de estimular os bancos comerciais para que anulem voluntariamente uma parte de seus créditos nos países em desenvolvimento.

Como o Plano Baker, este projeto se baseia no sistema de recompensar os países endividados que aceitem aplicar reformas draconianas para sanear sua economia.

Contrariamente ao Plano Baker, o novo plano lança mão dos recursos financeiros do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial com o fim de tornar mais atraente para os bancos comerciais a anulação de uma parte de seus créditos.

Os Estados Unidos têm um papel primordial no problema, pois 74 por cento dos US\$ 401 bilhões (desembolso líquido em fins 1988) que a América Latina deve corresponder principalmente a bancos privados norte-americanos.

As fontes disseram que os distúrbios da semana passada na Venezuela, um dos países mais prósperos da região, tido nos Estados Unidos como a mais sólida democracia sul-americana, deu uma nova urgência ao propósito que George Bush anunciou desde o início de seu mandato de rever o Plano Baker.

O secretário-geral das Nações Unidas, Javier Pérez de Cuéllar, disse, há duas semanas, a um grupo de diplomatas latino-americanos, que "esta é a pior crise da região desde a grande depressão".

Os meios norte-americanos observam que com uma eleição a vista na qual os peronistas parecem estar à frente, a Argentina está atrasada em US\$ 2 bilhões em seus pagamentos externos.

Os candidatos da esquerda brasileira se mostram fortes, e a histórica estabilidade que o Partido Revolucionário Institucional (PRI) havia dado ao México foi abalada no ano passado pelo desafio de sua ala de esquerda.

O então secretário do Tesouro, James A. Baker, havia traçado o plano que leva seu nome em resposta ao primeiro desafio político deste tipo em 1985, quando o presidente Alan Garcia assumiu o poder no Peru com a promessa de desafiar os credores desse país.

Os funcionários da época ficaram temerosos de que as idéias de Garcia fossem encampadas pelos demais países da América Latina e Baker procurou neutralizar essa possibilidade mediante o plano que contemplava a transferência de uns US\$ 30 bilhões anuais aos países que seguissem as normas tradicionais.

O resultado, porém, foi outro, segundo os dados do Fundo Monetário Internacional (FMI). As receitas líquidas de divisas da América Latina caíram a US\$ 4,3 bilhões em 1988, ano em que os pagamentos latino-americanos sobre a dívida chegaram aos US\$ 29 bilhões.

Isso implica em que pelo sétimo ano consecutivo a América Latina vem pagando mais do que recebe e o total dos pagamentos acumulados desde o começo da dívida é de US\$ 180 bilhões.



George Bush negou, em entrevista coletiva, que falte consistência e comando em seu governo

Reuters